
MEMÓRIAS E VIVÊNCIAS: O LEGADO DE PAULO FREIRE NA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

MEMORIES AND EXPERIENCES: PAULO FREIRE'S LEGACY IN ADULT LITERACY

Albert Douglas Silva da Cunha

Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do GRAFE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3812-7424> E-mail: albertdouglas.s@gmail.com

Álvaro Jorge Santos de Carvalho

Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do GRAFE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2209-9884> E-mail: alvarojorge29@hotmail.com

Daniele Sueira de Lira

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do GRAFE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9071-1409> E-mail: danielesueira21@gmail.com

Laura Mattes Lagrange

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do GRAFE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3905-7904> E-mail: lauralagrange5@gmail.com

Luciene Cerdas

Professora do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da UFRJ. Doutora em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP/Araraquara. Pesquisadora do Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa Fórum de Ensino da Escrita (UFRJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6967-0692> E-mail: lucienecerdas@gmail.com

Lidiane Jeane Lima Cezario

Pedagoga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do GRAFE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0764-5181> E-mail: lidianelimac26@gmail.com

Maria Antônia Azevêdo Teixeira Rocha

Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e membro do GRAFE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2484-0288> E-mail: mariaantoniaatr@gmail.com

Rejane Maria de Almeida Amorim

Professora do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da UFRJ. Doutora no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação na PUC/São Paulo. Vice-coordenadora do Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa Fórum de Ensino da Escrita (UFRJ) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3683-4026> E-mail: rejane.ufrj@gmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo discutir os pressupostos teóricos do Método de Alfabetização desenvolvido por Paulo Freire e implementado no projeto de alfabetização para 380 trabalhadores, que ficou conhecido como “Quarenta horas de Angicos”, no Rio Grande do Norte. Na leitura de suas obras *Pedagogia do Oprimido*, *Educação como Prática de Liberdade* e *A importância do ato ao ler*, suas concepções sobre educação, pedagogia e alfabetização descortinam as bases de seu método de ensino, caracterizado pelo sentido ético e político do fazer do educador na sua relação com o educando. O estudo realizado sinaliza um processo de mudança pedagógica em busca de uma alfabetização emancipadora; todos os envolvidos são sujeitos e contribuem para o ensino e a aprendizagem uns dos outros, em uma perspectiva de uma sociedade democrática e de justiça social.

Palavras-chave: Alfabetização. Paulo Freire. Educação Libertadora. Educação de Jovens e Adultos

ABSTRACTS

The article aims to discuss the theoretical assumptions of the Literacy Method developed by Paulo Freire and implemented in the literacy project for 380 workers, which became known as “Quarenta horas de Angicos”, in Rio Grande do Norte. By reading his works *Pedagogy of the Oppressed*, *Education as a Practice of Freedom*, and *The Importance of the Act of Reading*, his conceptions of education, pedagogy, and literacy reveal the basis of his teaching method, characterized by the ethical and political sense of the educator’s work in his relationship with the learner. The study undertaken signals a process of pedagogical change in search of an emancipatory literacy; all those involved are subjects and contribute to the teaching and learning of each other, in a perspective of democratic society and social justice.

Keywords: Literacy. Paulo Freire. Liberation Education. Youth and Adult Education

1 INTRODUÇÃO

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2002).

Uma das grandes contribuições de Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira¹, deu-se por meio de seu trabalho realizado, na década de 1960, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, com a alfabetização de adultos da classe trabalhadora, em sua maioria agricultores, artesãos e domésticas. Essa ação já estava sendo construída por Freire anos antes, quando ele teve contato com as camadas populares, em 1947, através da sua atuação como diretor da Divisão de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), de Pernambuco, e por meio de sua participação no Movimento de Cultura Popular (MCP) de Recife. No projeto “40 Horas em Angicos” (BEISIEGEL, 2010), Freire colocou em prática suas pesquisas.

Para Ana Maria de Araújo Freire (2001), os trabalhos de Paulo Freire com o SESI e o MCP formaram a base de seu pensamento pedagógico e político de que a educação dá-se no movimento de “reinventar os processos de formação do ser humano com base na autonomia, dialogicidade, libertação e conscientização” (DIÓGENES, 2010, p. 8), aspectos que conversam diretamente com o sujeito que vivencia seu processo de aprendizagem, nunca desconectado do contexto ao qual pertence. As próprias obras de Freire refletem sua existência e trajetória como sujeito educador e político, que escrevia não sobre coisas abstratas e distantes, mas a respeito do que observava, ouvia e vivenciava.

Dessa maneira, o presente artigo apresenta e discute os pressupostos teóricos desenvolvidos por Freire na sua experiência com a alfabetização de trabalhadores em Angicos, compreendendo a importância desse projeto para a construção de uma pedagogia crítica e em diálogo com a realidade do educando. Para tal, dialogamos com suas obras e de outros autores, seus comentadores, a partir do documentário “40 horas na memória”, produzido pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido UFERSA/RN, que contém relatos de ex-alunos participantes de sua ação em Angicos. Seus dizeres elucidam suas concepções de educação, pedagogia e alfabetização, fundamentais para o alcance de uma sociedade crítica, democrática e permeada pela justiça social. Assim, não perdemos de vista as contribuições de Freire no cenário atual da educação brasileira, enfatizando sua influência nas discussões acerca de políticas e práticas hoje debatidas no campo da alfabetização.

¹ Lei 12.612, de 13 de Abril de 2012, declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira.

2 ALFABETIZAÇÃO CRÍTICA EM PAULO FREIRE

Refletir sobre a alfabetização nos remete às diversas problemáticas que a envolvem, em especial quando delimitamos alguns recortes, como o acesso de jovens e adultos a esse direito fundamental. O Brasil convive, hoje, com uma taxa de analfabetismo entre a população de 15 a 60 anos de idade ainda preocupante: de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, 6,6% é a porcentagem de brasileiros que não sabem ler e escrever, uma taxa que representa 11 milhões de indivíduos socialmente excluídos e marginalizados do contato com um mundo permeado pela escrita.

Embora a expansão da educação básica tenha sido ampliada a partir de 1988 (SOUZA, 2019), o acesso a ela, para diversos indivíduos, permaneceu de forma desigual. Muitos não conseguiram - e muitos outros ainda não conseguem - frequentar a escola por diversas razões, mas fundamentalmente pela necessidade de trabalhar, utilizando da própria força física e habilidades manuais na ocupação de postos informais. Souza (2019, p. 3) nos lembra que a Constituição Federal de 1988 “[...] instituiu a educação como direito de todos, dever do Estado e extensiva aos que não puderam efetivá-la por diversas razões na idade socialmente referenciada na lei”. Contudo, como temos visto, o cenário educacional brasileiro, mais especificamente da alfabetização, é pouco animador.

Outra problemática a ser refletida parte do questionamento acerca de *qual* alfabetização tem sido referenciada e perseguida na educação de jovens e adultos (EJA). Quais políticas públicas de alfabetização são desenvolvidas para esse grupo em específico? Há, também, alguma preocupação com *quem* é esse alfabetizando e a realidade com a qual dialoga? *Para quê* e *como* alfabetizá-los? Nesse sentido, Freire nos incita a pensar as práticas de alfabetização, já que:

As palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (FREIRE, 2011, p. 30).

Esse resgate do sujeito na educação se dá por sua humanização, “[...] isto é, a plena realização do homem enquanto criador de cultura e determinador de suas condições de existência passava, necessariamente, pela clarificação da consciência do homem” (BEISIEGEL, 2010, p. 30), processo que se alcança por meio de uma educação crítica e conscientizadora. Nesse sentido, cabe pensar uma alfabetização comprometida com as múltiplas realidades vivenciadas pelos educandos, numa aproximação entre sujeitos - professores e alunos - voltados para a construção de conhecimentos sobre o mundo que os cerca, refletindo-os criticamente. A alfabetização é, para Freire, sempre vista como objeto de transformação social, uma vez que seu sentido crítico é valorizado.

2.1 Conceito de Educação Bancária

Na obra *Pedagogia do Oprimido* (2002), Paulo Freire introduziu o conceito de *educação bancária* debruçando-se, mais uma vez, sobre o papel da educação na constituição dos sujeitos, nem sempre vistos como tal. A abordagem do educador nos elucida a respeito de como muitos desses sujeitos são destituídos de tal condição, não sendo vistos como aprendizes ativos dentro de seus próprios processos de aquisição de conhecimento. Ao contrário, são percebidos como depósitos de informações, por isso a analogia entre banco e educação, como crítica ao funcionamento e dos objetivos do sistema educacional brasileiro.

Ao contrário de possibilitar o desenvolvimento de um pensamento crítico, em que o educando aprende a criar possibilidades de ser livre e exercer essa liberdade, a *educação bancária* configura-se como um significativo obstáculo à concretização do processo de libertação do sujeito. O modelo tradicional de ensino, entendido por Freire como domesticador, é um ato de “[...] depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos [...]. Refletindo a sociedade opressora, sendo a dimensão da ‘cultura do silêncio’, a ‘educação bancária’ mantém e estimula a contradição” (FREIRE, 2002, p. 38).

Freire, ainda, aponta a relação direta que se estabelece entre o tipo de educação ofertada nas escolas - quais objetivos ela visa atingir - e o projeto de sociedade que se almeja construir. Para ele, uma concepção de educação que se baseia apenas na “[...] memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto” (FREIRE, 2011, p. 26), tendo em vista que não oferta ao educando a capacidade de causar uma reação para despertá-lo para a compreensão e problematização do mundo ao seu redor. Na visão bancária da educação, o professor ganha voz e espaço, ainda que não exerça, de fato, a posição de educador, já que é falsa a ideia de que para ser um bom educador basta “encher” os “recipientes” dos alunos (FREIRE, 2002, p. 26).

No diálogo com as concepções de Paulo Freire a respeito de uma educação voltada à libertação, isto é, contrária à domesticação, Beisiegel (2010, p.36) reflete que era, e é, necessário deixar para trás a visão de educação centrada na figura do professor e no depósito de informações, e substituí-la por uma educação “[...] orientada para a criação de disposições mentais críticas e permeáveis, favoráveis à participação, à deliberação coletiva, à ingerência, ao autogoverno e, por essa via, favoráveis à democratização da vida social e à instituição de formas democráticas de governo”.

Nesse sentido, é apenas por meio do diálogo entre educadores e educandos, na dialética com o mundo que os cerca, que o aluno se insere e vivencia seu processo de aprendizagem como sujeito crítico e participativo, deixando de ser visto como um indivíduo passivo, mas consciente de si mesmo, dos outros e do mundo, capaz de atuar e transformar a própria existência. Aspectos esses que marcaram toda a trajetória de Paulo Freire, sobretudo ao pensar e questionar a alfabetização das classes trabalhadoras.

2.2 Um método de alfabetização para uma educação libertadora

O método de alfabetização de Freire é um importante marcador de sua obra e da educação brasileira, podendo ser apreciado a partir de longas pesquisas realizadas

entre as décadas de 1940 e 60. Notam-se aspectos interessantes presentes no contexto histórico e político da criação do seu método de alfabetização. Comprometido com aspirações democráticas, inerentes aos acontecimentos políticos do momento (Ditadura Vargas e o processo de redemocratização), e ao contexto sócio educacional do país, a criação do método de alfabetização leva em consideração uma “[.] educação comprometida com o desenvolvimento, a formação de consciência crítica e a construção de personalidades democráticas.” (BEISIEGEL, 2010, p. 39).

Como marcadores importantes para a criação do método, pode-se destacar as iniciativas pró educação e cultura realizadas no governo de Miguel Arraes (Prefeitura de Recife, 1959) com a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP); o incentivo à formação de grupos de intelectuais para se pensar a cultura e educação para a população, em que Paulo Freire coordenou os “círculos de cultura” e “centros de cultura”, atuando com projetos de EJA; os trabalhos realizados na Universidade do Recife, no Serviço de Extensão Cultural (SEC); e a aplicação do método na cidade de Angicos, convidado pelo governador do estado do Rio Grande do Norte. (BEISIEGEL, 2010).

Em meio a um movimento crescente de crítica ao método das cartilhas - por fazer uso de palavras descontextualizadas com a realidade dos educandos, aplicadas num contexto geral e territorial, sem levar em consideração aspectos e características locais -, Paulo Freire trabalhou com um novo método de alfabetização de adultos. Como pré-requisito dessa criação, propõe a substituição daquelas palavras usualmente empregadas, por outras mais próximas do cotidiano do grupo de trabalhadores e trabalhadoras aprendizes, objetivando o esvaziamento do significado “domesticador” que essas palavras exerciam, na medida em que busca termos agregadores que incentivam o movimento de ação, crítica e reflexão do sentido político da alfabetização. Para o educador não basta saber ler que Eva viu a uva “[...] é preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (FREIRE, 1991, p. 72).

O método seguia cinco etapas principais, de acordo com Bachega (2014): 1. Levantamento do universo vocabular dos alunos; 2. Seleção de palavras geradoras; 3. Criação de situações existenciais típicas do grupo; 4. Construção das fichas de roteiro que auxiliam os coordenadores de debate no seu trabalho; 5. Construção das fichas com a decomposição e recomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores.

Considerando a experiência do projeto realizado em Angicos, esse processo começa pelos trabalhos voltados para a discussão sobre cultura: “[...] conceito antropológico de cultura; distinção entre objeto de natureza e objeto de cultura; cultura material; cultura imaterial; e padrão de conhecimento.”, de acordo com o roteiro do documento

Roteiro 40 Horas na Memória². Para Freire, “[...] discutir o conceito antropológico de cultura, portanto, tem o intuito de romper com a cultura de subserviência de que vem a maior parte da população analfabeta, descendente de escravo ou outras etnias exploradas.” (BACHEGA, 2014, p. 58).

Ao falar a partir da sua experiência como educador de jovens e adultos, Freire esclarece seu conceito de cultura:

Crear o jarro como o trabalho transformador sobre o barro não era apenas a forma de sobreviver, mas também de fazer cultura, de fazer arte. Foi por isso que, relendo sua leitura anterior do mundo e dos que fazeres no mundo, aquela alfabetizanda nordestina disse segura e orgulhosa: “Faço cultura. Faço isto” (FREIRE, 2002, p. 261).

Após esse trabalho de introdução com a discussão sobre cultura, inicia-se o projeto de alfabetização, sendo importante mencionar que o material utilizado não é o mesmo em diferentes regiões. Ao contrário, para cada localidade escolhida é realizada uma pesquisa de campo para a elaboração do “universo vocabular mínimo” da região.

Pela identificação desse “Universo Vocabular” (Figura 1) dos alfabetizandos, evidenciam-se seus hábitos, ocupação e manifestações. A partir daí, se dão as escolhas das denominadas “palavras geradoras”, que surgem das “situações existenciais típicas”, e com elas será realizado o processo de alfabetização e a discussão sobre problemas regionais e nacionais. São palavras que carregam significado e sentido para jovens e adultos daquele tempo e espaço sociocultural, que, portanto, não dissociam texto e contexto.



Figura 1 – Trecho do documento “Roteiro de 40 horas”

Fonte: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/t9roteiro40.pdf>.

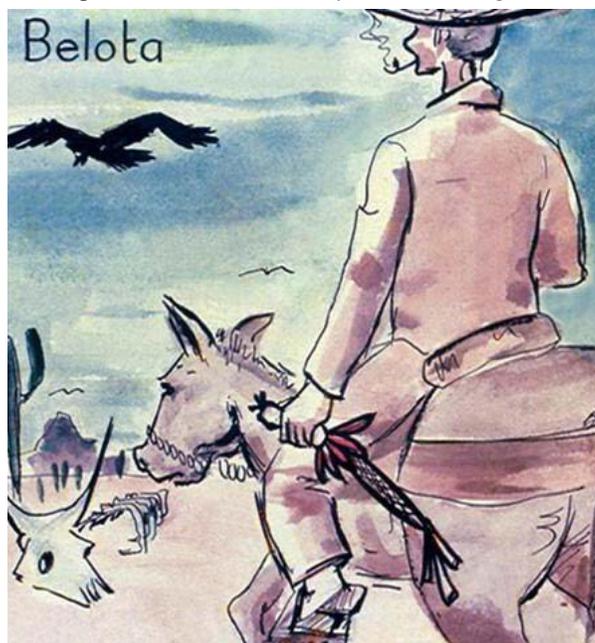
² O roteiro está hospedado no site do Fórum de EJA, link para acesso: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/t9roteiro40.pdf>

De acordo com Beisiegel (2010), na experiência de Angicos foram escolhidas para fichas de roteiro 17 palavras, sendo a primeira “Belota”, bastante lembrada pelos ex-alunos no documentário “40 horas de Angicos”, assim como “tijolo”. A partir da palavra geradora, considerando um movimento analítico alfabetizador, era apresentada, em projeção de slides, uma “situação existencial típica”, ou seja, imagens retiradas do cotidiano e realidade social dos estudantes e que comportavam a representação material da palavra escolhida, em uma clara associação palavra e imagem. Buscava-se, desse modo, reforçar a contextualização e familiaridade da representação física do objeto no cotidiano dos estudantes.

O documento Roteiro das 40 horas de Angicos traz também uma descrição dos procedimentos realizados no projeto, no caso da palavra Belota, trabalhada nas 3a e 4a horas, descreve-se: “Terceira hora - primeira hora de alfabetização. Belota, A, E, I, O, U. Os alunos já começam a escrever, isto é, a reproduzir a palavra belota. Politização. Quarta hora - ainda belota. Ba, be, bi, bo, bu; la, le, li, lo, lu; ta, te, ti, to, tu. Formação de palavras”.

Juntamente com a projeção das imagens caracterizadas como “situação existencial típica”, a palavra selecionada era apresentada de forma escrita. A figura abaixo (Figura 2), referente à belota “[...] era de um homem de Angicos, vestido tipicamente, montado em um burro, em uma cena característica de seca do Nordeste, com uma chibata na mão, na qual se veem em primeiro plano, belotas em cores bem vivas” (BACHEGA, 2014, p. 67).

Figura 2 - Slide usado na experiência de Angicos.



Fonte: <http://minimal-war.blogspot.com/2013/05/como-ensinar-adultos-ler-em-40-horas.html>

Em seguida, era realizado um movimento de incentivo a uma discussão sobre as experiências evocadas pela figura projetada, provocando problematizações explícitas e implícitas transmitidas pela imagem. Logo após essa discussão, somente a palavra era apresentada, no sentido de iniciar o processo de conhecimento, reconhecimento, representação e assimilação das letras e sílabas. Bachega (2014, p. 68) explica que dada como concluída “a análise da projeção, os coordenadores mostravam como se escreve a palavra geradora daquele debate. [...] Visualizada a palavra que ortograficamente representa a figura do slide, era projetada somente a palavra [...] novamente realizada a leitura coletiva e individual.”

Feita essa apresentação, iniciava-se um movimento sintético de análise da palavra: sua decomposição em letras e sílabas. Havia a possibilidade de, oralmente, ou em forma de registro escrito, os alunos construírem a escrita somente a partir das famílias silábicas das consoantes, podendo surgir outras palavras do seu meio social e cultural. A partir do diálogo construído nos movimentos realizados pelos alunos na formulação das escritas com as famílias silábicas das consoantes, eram apresentadas as vogais. Bachega descreve tais procedimentos:

A leitura individual e coletiva das diversas famílias de letras era realizada a fim de que eles comessem a compreender o mecanismo de formação das palavras. Nesse momento, além de encontrarem a palavra belota, eles formam outras como lata, bala, tatu, etc. Por essa razão essa ficha foi denominada “ficha da descoberta”. Em seguida era projetado um slide contendo apenas as vogais que os participantes identificavam com facilidade e chamavam de “intrometidas” (BACHEGA, 2014, p. 69).

A apresentação das vogais vem do entendimento de que não só elas tendem a ser de mais fácil percepção e compreensão pelos alunos, mas também, por já terem aparecido nas escritas das famílias silábicas. Logo em seguida, a realização de uma leitura coletiva no sentido vertical das famílias silábicas, como: ba, la e ta. Como finalização do estudo da ficha (Belota), o diálogo e do registro escrito, os estudantes puderam levantar múltiplas formações de palavras, podendo ser ou não do seu ambiente cultural, político e social.

Assim, diante dos processos desenvolvidos e explicitados acima, é possível estabelecer que o método de alfabetização de Paulo Freire foi considerado inovador no momento de sua criação e revolucionário para o campo da educação, especialmente de jovens e adultos. Transmite, na sua estrutura e ações realizadas, diversos conceitos defendidos por ele durante sua trajetória acadêmica, são concepções que refletem sua visão libertadora da educação, em específico da alfabetização. O alfabetizar para uma transformação plena do sujeito em sociedade, dando-lhe dignidade, oportunidade, contextualização e sensibilidade, o educar deve ser um ato contextualizado e familiar ao sujeito que se encontra neste processo.

Os objetivos do Método de Alfabetização não envolvem apenas o ensino de repertórios que dizem respeito apenas à compreensão do idioma escrito. Nesta proposta, os comportamentos de ler e escrever são entendidos como parte integrante de um conjunto de outras aprendizagens que envolvem a expressividade oral, a capacidade crítica (“pensar crítico”), a conscientização e ação política do educando (e do educador) como sujeito(s) ativo(s) na sociedade (BACHEGA, 2014, p. 74-75).

Seu método nos convida a refletir que não há como auxiliar na formação de crianças, jovens ou adultos, sem que se conheça sua vida e suas condições materiais de existência. Por anos, os processos de “formação” dos sujeitos em ambientes escolares foi estruturado para uma educação bancária, de enquadramento dos sujeitos e negação de subjetividade e identidade. O educador desestruturou tal expectativa ao criar um método de alfabetização, revolucionário naquele momento, e que redimensiona a relação professor-aluno-conhecimento; realiza com excelência a crítica a esses discursos e fomenta outros, que preconizam a escola/docente como auxiliares do sujeito no seu processo libertador de desenvolvimento.

Apesar das inúmeras discussões já realizadas sobre alfabetização desde Angicos, as contribuições de Freire e de seu método permanecem. Uma prática baseada no diálogo, na relação horizontal entre educadores e educandos, na perspectiva do inacabamento de homens e mulheres em seu processo de conscientização e libertação, a partir de uma concepção progressista de educação como ato político, que merece ser revisitada:

“[...] é neste sentido, por exemplo, que me aproximo de novo da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica. É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas... (FREIRE, 1997, p. 14).

2.3 A Importância do Ato de ler

Paulo Freire em seu discurso de implantação do projeto 40 horas em Angicos, explicita sua concepção do sentido ético e político da alfabetização no contexto das desigualdades e injustiças sociais. “O que esta educação está podendo fazer é apanhar este povo emerso e inseri-lo no processo histórico. Inserir-lo quer dizer propiciar a ele oportunidade em que ele se faça agente da sua história, em que ele se faça sujeito da sua história.” (40 HORAS NA MEMÓRIA) Uma fala potente, reveladora de conceitos fundantes do seu pensamento e do seu método para alfabetizar.

Entre essas concepções está a de que “[...] linguagem e realidade se prendem dinamicamente”, de tal modo que “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2011, p.8-9), e que a alfabetização não se esgota na decodificação da palavra, mas implica a preocupação

com o sentido. Significativo é seu conceito de *palavramundo*: letras, palavras, textos do contexto social e do universo da linguagem.

As repercussões para a sua proposta da alfabetização são de que tenha sentido e significação para o educando; que é imprescindível que os programas de alfabetização carreguem planejamentos que incluam palavras do universo vocabular dos educandos, e não unicamente de experiências dos educadores. A alfabetização como “[...] criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral” (FREIRE, 2011, p.13) será capaz de concretizar para os educandos um processo de aprendizagem em si e não apenas a memorização mecânica.

Não podemos nos esquecer que suas ideias, no contexto de sua produção, mostraram-se inovadoras e subversivas, o que resultou inclusive em períodos de exílio durante a Ditadura Militar no país. No texto intitulado “Alfabetização de adultos e bibliotecas populares – uma introdução”, Freire (2011, p.16) dá ênfase ao fato da escola ser uma instituição política, desmistificando sua pretensa neutralidade, não sendo possível “[...] pensar, sequer, a educação, sem que se esteja atento à questão do poder”. Não há assim métodos educacionais isentos de ideologia. Vale resgatar a fala do educador sobre esse tema,

É que o fato de não ser o educador um agente neutro não significa, necessariamente, que deve ser um manipulador. A opção realmente libertadora nem se realiza através de uma prática manipuladora nem tampouco por meio de uma prática espontaneísta. O espontaneísmo é licencioso, por isso irresponsável. O que temos de fazer, então, enquanto educadoras ou educadores, é aclarar, assumindo a nossa opção, que é política, e sermos coerentes com ela, na prática (FREIRE, 2011, p. 16).

Esse pensamento, revela-se atual no sentido de firmarmos posição em favor de uma educação democrática, inclusiva, crítica e emancipadora das classes populares de crianças, jovens e adultos. Ao narrar sua experiência de alfabetização de adultos nas Ilhas São Tomé e Príncipe, Freire (2011) lembra da preocupação em entender e levar aqueles educandos a entenderem suas realidades e questões sociais, para que chegassem a compreensão efetiva da leitura e escrita, ou da “palavramundo”. Potencializa, assim, a importância do ato de ler não apenas como um discurso teórico, mas sim como um processo prático inserido no cotidiano dos educandos. Leitura que se caracteriza como um inquieta procura de textos que, como objetos culturais, devem ser desvelados pelo adentramento, pela crítica e disciplina intelectual.

Assim que, “ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação” (FREIRE, 2011, p. 261). Compreensão que advém da capacidade que temos de associar conceitos da experiência escolar aos do mundo da cotidianidade, de tal modo que buscar a compreensão do texto nos remete à leitura anterior do mundo. Para Freire, a alfabetização se constitui como direito, e como tal, é preciso lutar incansavelmente para que seja garantido a todos.

Para ele, assim como para todos os educadores que comungam suas ideias,

[...] seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora (FREIRE, 2011, p. 28-29).

3. A EXPERIÊNCIA DE ANGICOS: “NÃO SOU MASSA, SOU POVO”

Apelidada de “40 horas de Angicos”, a primeira turma de alfabetização de adultos supervisionada por Freire foi realizada em 1963 na pequena cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. A experiência tinha a meta de alfabetizar adultos em apenas 40 horas, tendo como base o seu método de alfabetização. Em Angicos, foram implementados os conceitos de “palavras geradoras” e “situações existenciais típicas” como vimos anteriormente. Durante as aulas, as palavras e experiências vividas pelos trabalhadores rurais tomaram um lugar central e ativo no processo de aprendizagem. Assim, destacava-se a posição do sujeito, pensador crítico, contrariando a tradicional educação bancária e indo de encontro aos métodos tradicionais de memorização mecânica.

Para Silva e Sampaio (2015, p. 928),

Relembrar os cinquenta anos dessa experiência não é apenas um marco histórico, mas sim uma necessidade social e educativa urgente de enfrentamento ao analfabetismo e baixa escolaridade de nossos jovens e adultos, ainda hoje. Acreditamos que os princípios que orientaram as “40 horas” podem ainda suscitar em nós esse desejo, vontade e necessidade de marchas, lutas, criações de ações de alfabetização, escolarização e educação libertadoras.

A experiência de Angicos também trouxe como princípio criar dispositivos mentais críticos, através dos quais os alunos poderiam interpretar, reinterpretar e problematizar o mundo ao seu redor, sendo capazes de compreender e transformar a si mesmo e, por consequência, o mundo ao seu redor. É possível compreender Angicos como uma experiência pioneira de alfabetização dialogada com a realidade e contexto do educando, através de uma proposta de educação: “[...] orientada para a criação de disposições mentais críticas e permeáveis, favoráveis à participação, à deliberação coletiva, à ingêrência, ao autogoverno e, por essa via, favoráveis à democratização da vida social e à instituição de formas democráticas de governo”. (BEISIEGEL, 2010, p. 36).

Nesse sentido, retomamos aqui alguns depoimentos que compõem o documentário “40 horas na Memória”, que tem como protagonistas 19 ex-alunos do educador e que dão a dimensão da importância que Freire teve, naquele momento, e ainda agora, na vida daqueles estudantes, jovens e adultos. O documentário foi produzido em 2013 pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido em comemoração aos 50 anos do método de alfabetização de Paulo Freire. Para os alunos que participaram dessa turma de alfabetização a experiência foi verdadeiramente transformadora

É o que conta Paulo Souza, que naquele momento tinha 20 anos: “Naquela época aqui era só mato. Depois do trabalho, a gente seguia para a aula com o caderninho debaixo do braço. Aquilo mudou a minha vida, porque quando a gente não sabe ler a gente não participa de nada, a gente não é ninguém”. Maria Eneide, que tinha apenas seis anos em 1963, e frequentou as aulas para acompanhar os pais que estavam se alfabetizando, compartilha de uma história semelhante. Para ela, a experiência foi essencial para que decidisse se tornar professora de educação infantil, profissão que exerce até hoje.

Contextualiza Francisca de Brito, logo nos primeiros minutos do documentário, “Na cidade de Angicos, naquela época, faltava muita coisa: não tinha energia, não tinha água encanada, não tinha nada”. Chamados de um em um pelo carro com autofalante, os moradores, trabalhadores rurais, passam a frequentar as aulas do curso de alfabetização. Francisca descreve a sala de aula como lamparina e vela, cada um levava suas cadeiras, e lembra com carinho da professora que conhecia a todos e que batia na porta da casa de quem faltasse à aula, para convencê-lo de ir à aula.

“Tanto aquela professora tinha prazer com os alunos dela quanto a gente tinha com nosso professor, né? Ela era muito gentil, não escolhia entre o preto, o branco, o pobre, o rico. Por isso que a gente fica emocionado”, diz um dos ex-alunos com a voz embargada.

Para os alunos de Angicos, as palavras aprendidas logo nas primeiras aulas ficaram marcadas na memória. “Aparecia uma tela com as palavras: tijolo, belota, várias palavras. Eles dizendo letra por letra e a gente acompanhando e aprendendo”, conta Maria Lúcia. As falas dos estudantes retomam o método de alfabetização freireano, por meio do qual o aluno é colocado em um lugar central do processo de aprendizagem e as palavras são aprendidas de acordo com o contexto vocabular da região. O que está em acordo com a ideia de que a leitura da palavra deve ser leitura da palavamundo.

Os educandos relembram, ainda, momentos em que o impacto positivo das aulas de Angicos reverberaram em suas vidas, como durante a ditadura militar. “Quando ele foi exilado, falaram que todo mundo que conhecia ele ia ser preso, então o povo queimou, enterrou os cadernos”, conta Maria Pureza. Ao que Maria Eneide completa: “Queimou tudo, mas a semente já tinha sido plantada e germinou”, dando destaque à plenitude das experiências ali vivenciadas.

As falas dos primeiros alunos alfabetizados pelo método de Freire mostram os impactos positivos e duradouros das aulas. A maioria dos estudantes, hoje idosa, conta que até hoje se lembra com carinho das aulas e de conhecimentos importantes, como a escrita do próprio nome. “Antes dessa escola eu não sabia nem assinar o nome, nunca tinha ido à aula. A aula era o cabo de enxada, a foice, essas coisas, trabalhando de agricultura”, diz Maria Miranda.

Para além da alfabetização em si, as aulas também aprofundaram as noções de cidadania, pertencimento e transformação social, como conta Maria Pureza: “Ele queria que as pessoas conhecessem seus direitos. Era no tempo da Ditadura e os militares não queriam que as pessoas conhecessem seus direitos”. Luzia Andrade ainda reforça: “A gente aprendeu que a gente podia ser gente também, que nem os outro eram”.

Por todas as consequências positivas das aulas de Angicos, Maria Pequena destaca, emocionada, ao ser questionada sobre o que gostaria de dizer para Freire, anos depois da primeira turma, em 1963: “Eu queria dizer a Paulo Freire muito obrigado, porque o senhor me tirou do medo, da desconfiança”.

Freire teve papel fundamental para que esses jovens e adultos conhecessem seus direitos, tirassem seus documentos e passassem a votar nas eleições. Por meio desses depoimentos do documentário, os efeitos positivos do método freireano de alfabetização de adultos ficam ainda mais evidentes, já que muitos aprenderam a ler e a escrever através do uso de vocábulos do seu cotidiano e continuam a lembrar das lições aprendidas nas aulas até hoje, além de serem capazes de escrever seus próprios nomes e fazer leituras básicas, e de empreender a releitura daquela sua leitura de mundo, re- lendo suas existências.

4 ATUALIDADE EM PAULO FREIRE

A Educação tradicional, como apresentamos com o conceito de *educação bancária* de Freire, limita os alunos de inúmeras formas: aplica uma metodologia que falha em estimular o pensamento crítico. A sala de aula deixou de ser um ambiente diverso em estratégias e diálogos para dar lugar a metodologias e didáticas padronizadas, de modo que a diversidade dos próprios alunos foi vista como irrelevante. A esse respeito, o linguista Cagliari (2007) afirmou que:

As cartilhas eram frutos de experiências individuais bem-sucedidas. Supunha-se que seu método, fruto daquelas experiências, servia para todo tipo de aluno, em todos os lugares e em todas as situações de ensino e de aprendizagem. Ainda hoje as cartilhas despertam um apelo forte. (CAGLIARI, 2007, p. 59).

Manifestações da proposta de ensino freireana são apresentadas em “Ensinando a Transgredir”, de bell hooks³ (2013), na medida que a autora introduz parte de sua própria

³ A escritora tem preferência pelo uso do nome em letras minúsculas, a fim de dar enfoque ao conteúdo

trajetória escolar. Ela descreve uma escola da qual lembra com afeição, em que os professores estavam envolvidos ativamente na comunidade de vivência das crianças – cientes de seus contextos pessoais – e aplicavam esse conhecimento em aula, a fim de aproximar o conteúdo dos estudantes. Nesse sentido, observa-se o pensamento de Paulo Freire em prática e os efeitos positivos que pode ter na vida escolar de indivíduos, como é o caso de hooks. A escritora foi influenciada pelas obras do brasileiro e, posteriormente, passou a aplicar as propostas freireanas em seu cotidiano como docente universitária.

Freire teve, sem dúvida, um impacto significativo no cenário da educação brasileira, além de reconhecimento internacional, por seu pensamento inovador. Como vimos, o educador idealizou um método próprio de alfabetização, caracterizado por uma *alfabetização emancipadora*, que experimentou em Angicos. Desse modo, Leal e Nascimento (2019, p 4) destacam que:

A aprendizagem não se restringia ao mero domínio da leitura e da escrita, mas, sobretudo, à qualidade desse domínio a ser mensurado na obtenção da autonomia dos educandos, construído a partir do respeito a suas idiossincrasias e da prática constante da dialogicidade entre educando e educador, entre cidadão e sociedade.

Para Freire, não há alfabetização verdadeiramente pedagógica sem envolvimento político no processo. Em atividades no cotidiano da prática pedagógica, buscava aplicar ideias de uma educação conforme as exigências da atualidade brasileira, que visa à formação de consciência crítica e personalidades democráticas (BEISIEGEL, 2010). A partir dessas concepções, o trabalho de alfabetização estaria intimamente envolvido com a preparação do sujeito questionador, que está consciente de seus direitos e deveres, promovendo a cidadania. Para tanto, as referências do processo devem ser o próprio desenvolvimento do aluno, contrariando teorias e métodos pré-formulados que são constantemente impostos aos estudantes. De acordo com Soares (2004, p. 15-16), existe múltiplos métodos para a aprendizagem inicial da língua escrita, “pois a natureza de cada faceta determina certos procedimentos de ensino, além de as características de cada grupo de crianças, e até de cada criança, exigir formas diferenciadas de ação pedagógica.”

A *teoria do conhecimento*⁴ desenvolvida por Freire está profundamente envolvida com a interpretação de mundo do indivíduo. A aprendizagem da leitura e escrita, acompanhada pela formação democrática e libertadora, é responsável por provocar curiosidade e autonomia dos envolvidos, tornando-os capazes de compreender o mundo em que estão inseridos e sobre o qual devem intervir para transformá-lo com responsabilidade (SILVA, 2019).

A partir dos processos descritos, a educação pode ser libertadora. Todavia, ainda hoje prevalecem práticas distantes da visão de Freire, que estão limitadas ao autoritarismo

de suas obras.

⁴ Forma como Freire preferia chamar o que outros denominam como seu método.

em sala de aula. Também existem forças que se beneficiam com a opressão e a alienação, contrariando todos os princípios de Freire.

Na verdade, elas é que massificam, na medida em que domesticam e endemoniadamente se ‘apoderam’ das camadas mais ingênuas da sociedade. Na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que o esmaga. Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das tarefas fundamentais de uma educação realmente libertadora e por isto respeitadora do homem como pessoa” (FREIRE, 1967, p. 36-37).

Em meio às adversidades, o educador foi capaz de orientar os indivíduos a exercer a cidadania com propriedade, grande desafio da contemporaneidade (LEAL; NASCIMENTO, 2019), através de uma alfabetização emancipadora, profundamente envolvida com ética e política. O caso de Angicos representa um marco no desenvolvimento de suas ideias a esse respeito. Na cidade, o pensador pôs em prática todas as noções que havia concebido, percebendo falhas e acertos que ajudaram a evoluir seu *método*.

Relembrar os cinquenta anos dessa experiência não é apenas um marco histórico, mas sim uma necessidade social e educativa urgente de enfrentamento ao analfabetismo e baixa escolaridade de nossos jovens e adultos, ainda hoje. Acreditamos que os princípios que orientaram as “40 horas” podem ainda suscitar em nós esse desejo, vontade e necessidade de marchas, lutas, criações de ações de alfabetização, escolarização e educação libertadoras (SILVA; SAMPAIO, 2015, p. 928).

A experiência de Angicos forneceu evidências da possibilidade de uma promoção efetiva da alfabetização de jovens e adultos no contexto brasileiro. O legado de Freire permite a crença em um país alfabetizado, com a garantia do pleno exercício da cidadania. Tais concepções perseveraram de inúmeras formas, desde trabalhos acadêmicos até práticas em sala de aula, como é o caso da Escola da Ponte, que incentiva seus estudantes a desenvolverem conhecimento de forma autônoma. Essa escola portuguesa rompe com as noções convencionais de aprendizagem, trazendo as ideias freireanas para a prática diariamente.

A atualidade do pensamento de Paulo Freire vem sendo atestada pela multiplicidade de experiências que se desenvolvem tomando o seu pensamento como referência, em diferentes áreas do conhecimento, ao redor do mundo. A crescente publicação das obras de Paulo Freire em dezenas de idiomas e a ampliação de fóruns, cátedras e centros de pesquisa criados para pesquisar e debater o legado freireano são indicações da grande vitalidade do seu pensamento. Tal projeção confere ao conjunto de suas produções o caráter de uma obra universal. (SAUL; SILVA, 2009, p. 224)

Desse modo, é inegável a importância que Paulo Freire teve na educação brasileira – além de sua influência internacional – e o impacto que suas propostas podem significar. A prática em Angicos foi um pequeno passo que representou esperança no

combate ao analfabetismo, que abrange parte significativa da população. As memórias dessas vivências não podem se desvanecer pelo tempo, mas devem ser lembradas e debatidas, a fim de estimular o espírito de mudança social: “Todo e qualquer educador que tenha de algum modo corrido os olhos na pedagogia freiriana saberá dessa sua experiência.” (SILVA; SAMPAIO, 2015, p. 934).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Paulo Freire com a alfabetização de jovens e adultos na sua experiência em Angicos, no Rio Grande do Norte, foi capaz de abrir novos caminhos para os sujeitos que tiveram a oportunidade de aprender a ler e escrever por meio do projeto realizado pelo educador pernambucano. Compreender toda a dimensão política que há no processo de educar e a busca por uma alfabetização que parte do próprio universo dos alfabetizandos são algumas das mais importantes contribuições que ele nos deixou como legado, impulsionando naqueles que se formam educadores o desejo de firmar um compromisso com a docência, entendendo-a como um ato político e de reafirmação no mundo.

O diálogo entre linguagem e realidade presente em seu método de alfabetização busca enfatizar que a leitura de mundo realizada pelo educando, isto é, suas experiências de vida, é um fenômeno que deve estar presente nas propostas de aula para que haja, dessa forma, significado. A *práxis* educadora se constrói, assim, no diálogo com o educando que ensina ao aprender, tanto quanto o educador aprende ao ensinar.

Além disso, é por meio da não dissociação entre texto e contexto, trazendo aqui toda a dimensão política do ato de alfabetizar, que a consciência crítica aparecerá como resultado do processo, que tem por objetivo tirar os educandos da marginalização e torná-los conscientes de si e do mundo, problematizando-o e transformando-o.

A experiência de Angicos, nesse sentido, nos fornece evidências para pensarmos que há, sem dúvida, como construir e promover uma alfabetização que coloque em destaque o sujeito que vivencia esse processo, sejam crianças, jovens ou adultos. Nos relatos que traz o documentário, o método de alfabetização de Paulo Freire é percebido pelos alfabetizandos, adultos da classe trabalhadora, destituídos do olhar de cidadãos pela condição de analfabetos, como um ato que devolveu a cada um deles a esperança de estar no mundo sem medo. São falas que mostram o impacto das inúmeras contribuições de Freire para a educação brasileira e como ele, mesmo não estando mais em vida, se faz presente nas práticas docentes nas mais diversas regiões dentro e fora do país, constituindo um movimento no campo da educação que acredita em seu sentido político de transformação social. Em tempos de intolerância e silenciamento, Freire se faz mais que necessário.

REFERÊNCIAS

- 40 HORAS NA MEMÓRIA. Site da Universidade Federal Rural do Semi-árido, 2016. (Documentário produzido pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido UFERSA/RN, que contém relatos de ex-alunos participantes da ação em Angicos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PkN97kOriJc>. Acesso em: 11 ago. 2021.
- BACHEGA, Denise. **Uma leitura comportamental sobre o método Paulo Freire de alfabetização**: convite ao diálogo entre analistas do comportamento e educadores freireanos. 2014. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização: o duelo dos métodos. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Alfabetização no Brasil**: questões e provocações da atualidade. Campinas: Autores Associados, 2007
- DIÓGENES, Elione Maria Nogueira. Paulo Freire: leitor da palavra mundo. **Debates em Educação**, v. 2, n. 3, p. 1-13, jan./jun. 2010.
- FREIRE, Ana Maria de Araújo. Paulo Freire: sua vida, sua obra. **Educação em Revista**, v. 2, n. 1, 1-13, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. Editora Olho D'Água, 10ª ed., p. 27-38. ano 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação na Cidade**. São Paulo: Editora Cortez, 1991.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 1ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. **Coordenação de Trabalho e Rendimento**, 2012-2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html> . Acesso em: 06 jul. 2021.
- LEAL, Sandra do Rocio Ferreira; NASCIMENTO Maria Isabel Moura ; A importância do ato de ler: aproximações e distanciamentos teórico-metodológicos em Paulo Freire. **Pro-Posições**, Campinas, São Paulo, v.30, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0024> Acesso em: 02. Jul. 2021.

SAUL, Ana Maria; SILVA, Antônio Fernando Gouvêa da. O legado de Paulo Freire para as políticas de currículo e para a formação de educadores no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 90, n. 224, p. 204-222, jan./abr. 2009.

SILVA, Wagner Rodrigues. Polêmica da alfabetização no Brasil de Paulo Freire. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v.58, n.1, p. 219-240, jan./abr. 2019.

SILVA, Francisco; SAMPAIO, Marisa. Cinquentenário das “40 horas de Angicos”: memória presente na educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. v. 20 n. 63 out.-dez. p. 925-947. 2015

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. n. 24, jan. /fev. /mar. /abr. 2004.

SOUZA, Marta Lima de. Alfabetização de Jovens e Adultos: negações, resistências e desafios. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v.1, n. 11, p. 15-31, jul-dez. 2019.

Recebido/ Received: 01/07/2022

Aceito/ Accepted: 27/07/2022

Publicado/ Published: 30/08/2022